

ESPORTES

Paulistão 2026

Em vantagem na final, Palmeiras decide título neste domingo contra o Novorizontino

Jogo será em Novo Horizonte, a apenas 110 quilômetros de Bauru, após vitória do Alviverde em Barueri por 1 a 0

Novorizontino e Palmeiras voltam a se enfrentar neste domingo (8), às 20h30 (de Brasília), no estádio Doutor Jorge Ismael de Biasi, em Novo Horizonte, com vantagem para o Alviverde após a vitória por 1 a 0, em Barueri, na última quarta. A partida terá transmissão da TNT, HBO Max, Record e Cazé TV.

A vitória também teve peso simbólico. Na primeira fase, o Novorizontino havia goleado por 4 a 0 -a pior derrota da era Abel Ferreira. A campanha da equipe amarelo e preta, porém, mostra que o resultado não foi casual:

depois de eliminar o Santos nas quartas de final, superou o Corinthians na semifinal e confirmou sua consistência ao chegar à decisão.

Vice-campeão em 2025 e finalista da competição pelo sétimo ano consecutivo, o Palmeiras tenta ampliar sua vitoriosa história na competição e ainda impedir o time do interior de conquistar seu primeiro caneco no torneio.

A final amplia uma sequência marcante do clube da capital. Desde 2020, o Palmeiras disputa sua 17ª decisão de campeonato e busca o 12º título no período.

Único presente em todas

as finais do Paulista desde então, o time tenta conquistar o quinto troféu estadual nas últimas sete edições - foi campeão em 2020, 2022, 2023 e 2024, e vice em 2021 e 2025.

O Palmeiras nunca foi eliminado ou superado em um mata-mata após vencer a primeira partida em casa na Era Abel Ferreira.

A última eliminação palmeirense atuando fora de casa foi no Paulistão de 2021. Naquela ocasião, o time empatou por 0 a 0 com o São Paulo no Allianz Parque e, no jogo de volta, acabou derrotado por 2 a 0 no Morumbi, perdendo o título para o Tricolor.



Palmeiras treina para a final deste domingo

GP da Austrália

F1 adota combustível sustentável, mas ‘era verde’ esbarra em calendário global

Em 2026, a F1 dá mais um passo para reduzir suas emissões de carbono. Neste ano, a principal categoria do automobilismo mundial implementa mudanças no regulamento técnico e inclui a adoção de combustível 100% sustentável e a reformulação das unidades de potência, que passam a ter participação ainda maior da energia elétrica. O objetivo faz parte da meta de zerar as emissões líquidas até 2030.

As medidas entram em vigor em mais uma edição com 24 corridas, espalhadas por quatro continentes. Ao mesmo tempo em que mantém seu alcance global, a categoria encara o desafio de reduzir o seu impacto ambiental diante de sua complexa logística intercontinental.

A abertura será neste fim de semana, com o GP da Austrália. A largada será na madrugada de sábado (7) para domingo (8), à 1h (de Brasília).

O combustível desenvolvido para 2026 substitui o E10 -fórmula feita com 90% gasolina e 10% etanol, usado desde 2022. A atual composição

será produzida de forma sintética pela captura de carbono, retirada diretamente do ar ou de emissões industriais, resíduos urbanos e biomassa não alimentar, ou seja, matéria orgânica não destinada ao consumo humano.

“Ao contrário da gasolina convencional, que é produzida por meio do refino do petróleo bruto, esses componentes são fabricados convertendo as matérias-primas sustentáveis em moléculas de combustível por meio de processos químicos delicados”, explica um porta-voz da Aramco, empresa fornecedora de lubrificantes à equipe Aston Martin.

Segundo a Aramco, que também produziu o combustível sustentável usado na F2 e na F3, categorias de acesso à F1, no ano passado, o principal desafio foi identificar componentes que atendam aos critérios de sustentabilidade determinados pela FIA (Federação Internacional de Automobilismo) para a F1.

“Cada componente pode ter seu próprio processo de produção único, adaptado à matéria-prima específica utilizada, e a mistura final de

combustível deve cumprir os limites de emissões de gases de efeito estufa”, diz a fornecedora.

Até então, o custo do combustível usado era contabilizado como parte do limite orçamentário que as equipes apresentavam à FIA. Com o aumento nos custos de pesquisa e produção das novas fórmulas, essa despesa deixa de integrar o teto anual de gastos.

De acordo com a F1, o combustível foi projetado para substituir equivalentes fósseis sem necessidade de adaptações nos motores, o que permite seu uso em veículos de rua.

A categoria também dá destaque à eletrificação dos motores, que aumenta de forma significativa e passa a dividir quase igualmente a entrega de potência com o motor a combustão.

O brasileiro Pietro Fittipaldi, piloto de testes da Cadillac, explica que a mudança impacta a pilotagem e as estratégias de corrida.

“A estratégia de como usar o acelerador e a energia ao longo da volta também vai ser muito diferente



As medidas entram em vigor em mais uma edição com 24 corridas, espalhadas por quatro continentes

do que era no passado. Antes, era algo como 75% da potência vindo do motor a combustão e 25% da bateria. Agora, virou mais ou menos 50% a 50%”, conta Fittipaldi.

Na prática, as equipes terão de rever abordagens tanto para voltas de classificação quanto para a corrida, já que a energia elétrica precisa ser gerenciada e recarregada.

“Isso afeta bastante a forma como o piloto conduz o carro, já que ele pode ser mais eficiente no uso de energia ao longo da volta. Durante a corrida, isso pode se acumular. Um piloto que

é mais inteligente na estratégia pode ganhar vantagem. A gente viu isso bem cedo no simulador e já começou a entender o que é mais importante para maximizar o potencial do carro”, explica.

Se dentro da pista a meta é reduzir emissões e aumentar eficiência, fora dela o desafio é logístico. A temporada 2026 terá 24 etapas distribuídas na América, Europa, Ásia e Oceania. O transporte de carros, peças, estruturas de hospitalidade e equipamentos de transmissão envolve operações aéreas e marítimas de grande escala.